

Ajuste entre a utopia e a desigualdade

O presidente Lula disse ontem, que "a nova fronteira do sonho brasileiro, (...) passa pela reconciliação da natureza com o homem e do homem com a solidariedade". Leia a íntegra do seu discurso.

Minha querida companheira Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, Meu companheiro Ministro da Casa Civil, José Dirceu, Meu companheiro e irmão de luta, Leonardo Boff, Meus companheiros Deputados, Senadores e Ministros aqui presentes, Companheiros da luta pela preservação ambiental no nosso país,

Hoje eu não vou falar fora de meu discurso, Marina, porque me deram um conselho que, como eu falo muito, não sei o meu discurso, saem as coisas que falo por fora do discurso. Então, hoje eu vou me ater aqui.

Mas quero apenas lembrar, companheira Marina que, no Brasil, nós ainda temos uma tarefa imensa, apesar dos avanços que nós já conseguimos com a consciência ecológica.

Ainda existe, por parte de muita gente, uns por inocência e outros por má-fé, a vontade de passar a idéia para a sociedade de que, quem defende o meio ambiente é contra o desenvolvimento, como se o desenvolvimento fosse apenas a destruição do que nós herdamos da natureza para colocar outra coisa no lugar. E, graças a Deus, pessoas como você, pessoas como nossos dois Governadores, o Eduardo Braga, do Amazonas e o Jorge Viana, do Acre e, dezenas de deputados, deputadas, companheiros e companheiras espalhados por esse Brasil afora, muitas vezes no anonimato, têm demonstrado, com muito sacrifício, é verdade - algumas mortes aconteceram por conta disso - de que é plenamente possível estabelecer uma boa política de desenvolvimento, sem destruir a natureza. Sobretudo, utilizando as riquezas que dela podemos extrair para o próprio desenvolvimento das regiões em que ainda mantemos as nossas matas, os nossos rios, a nossa fauna preservada.

Eu lembro, há vinte anos atrás, há quinze anos atrás, o quanto era difícil ser ecologista neste país. Eu lembro o quanto o pessoal que defendia o meio ambiente era criticado por este Brasil afora. Não vou nem dizer todos os adjetivos que se utilizava. E hoje, a persistência de vocês, a maturidade de vocês foi criando, com a resistência, uma consciência. E além da conferência, Marina, acho que o passo fundamental é essa conferência infanto-juvenil.

Eu digo sempre, meu caro Cristovam, que se nós quisermos fazer uma grande revolução neste país, sem precisar dar um único tiro ou ferir qualquer pessoa, a gente faz essa revolução a partir da família e a partir do banco de uma escola.

Possivelmente, o meio ambiente integrará o currículo escolar, porque a criança tem muito mais facilidade de chegar em casa e educar um pai, educar uma mãe, porque, muitas vezes, uma pessoa adulta reage à crítica que um outro adulto faz, mas nenhum de nós tem coragem de reagir à crítica de uma criança. Então, porque a gente não aproveita esses momentos em que a criança está numa sala de aula, ou não aproveita mais os espaços dos meios de comunicação, para a gente ensinar aos nossos filhos, aquilo que nós não aprendemos dos nossos pais? E os nossos pais aprenderam muito menos dos seus pais, e assim por diante. Porque a lógica, até outro dia, era derrubar por derrubar, como se ficar totalmente "careca" de árvore, fosse a solução para o país.

Eu sobrevoei muito o Brasil, Marina, e, de vez em quando, eu passo em regiões nas quais você anda uma hora de avião, uma hora e meia, e você não vê um único pé de árvore. Em outros lugares, rios que há trinta anos eram caudalosos, hoje estão totalmente secos. Ou seja, por conta do quê? Por conta da irresponsabilidade, por conta do modelo de desenvolvimento predatório, por conta da falta de consciência, ou até da ganância das pessoas acharem que o mundo vai acabar a partir da sua passagem pela terra.

Ou seja, o egoísmo não permite que ele entenda que outros virão depois deles e que precisa encontrar pelo menos a casa em ordem e a casa, neste caso, é o Planeta Terra, e aqui, para nós, é o nosso querido Brasil.

Portanto, eu quero começar dizendo, meus parabéns por esta conferência e eu espero que, a partir desta conferência, criemos um novo padrão de preservação ambiental no nosso país. E a você Jorge, e a você Eduardo, obrigado por existirem no Brasil, Governadores que ao mesmo tempo em que brigam para que seus Esta-

dos fiquem ricos, brigam para melhorar a qualidade de vida do povo de vocês, brigam para gerar empregos, brigam também para manter o bem maior que a natureza nos deu.

Eu espero que, logo, logo, a gente tenha muitos outros Governadores no Brasil, muitos Deputados, muitos Prefeitos, muitos empresários, com esta consciência, porque o Brasil ficará muito melhor, para nós e para os que virão depois de nós, até porque nenhum filho nosso pediu para nascer, nós é que decidimos fazê-los, portanto, nós temos a responsabilidade de deixar o mundo melhor para eles.

Durante décadas, o sonho brasileiro foi uma espécie de utopia geográfica. O futuro do Brasil parecia guardado em algum ponto distante de nossos olhos. Parecia deslocado para terras virgens, isentas de desequilíbrios sociais. Parecia perdido em fronteiras longínquas, cheias de riquezas intocadas, água limpa, e a generosidade de imensos vazios a serem ocupados. Era, ao mesmo tempo, um sonho ingênuo e uma forma omissa de transferir para a natureza a solução das nossas desigualdades sociais.

A contrapartida demográfica dessa ilusão se deu por meio de sucessivas levas de migrantes pobres - expulsos de seus lugares de origem pela injustiça econômica -, que se puseram na estrada aos milhares, até milhões, em busca do Eldorado prometido em alguma frente pioneira do nosso País.

A ocupação da Amazônia brasileira nos anos 70/80, feita muitas vezes de forma desordenada e predatória, marcou definitivamente o fim desse ciclo. Iniciou-se, então, a hora da verdade, um ajuste de contas entre a utopia geográfica e a nossa desigualdade social.

Brasileiros humildes foram empurrados para o fundo anônimo do mapa, bem como populações indígenas que ali se encontravam protegidas. Passaram, então, a disputar a mata e os seus recursos com a pata do boi e a manada da cobra e da destruição que têm caminhado ao lado dos interesses predatórios.

A resistência de Chico Mendes e o seu assassinato em 1988 estabeleceram um divisor de águas nesse processo. Ficou claro, definitivamente, que não havia mais separação possível entre o equilíbrio ecológico e o equilíbrio social.

Repito, aqui, o que disse no enterro do companheiro Chico Mendes, seringueiro, em Xapuri, naquele triste 25 de dezembro: "Chico conseguiu unir sob a mesma bandeira a luta ecológica, a luta sindical e a luta política, porque sabia que elas são indissociáveis, que uma se alimenta da outra - num ciclo semelhante ao da própria vida da floresta".

A verdade simples e direta que transbordou para o Brasil e para o mundo, a partir da morte de Chico Mendes, é que o destino da natureza e o destino da sociedade humana - em especial nos países mais pobres - estão visceralmente ligados.

A nossa natureza é rica e bela, mas não é ela que vai salvar Brasil. O Brasil é que precisa cuidar bem da nossa terra e de nossa gente - ao mesmo tempo e com igual carinho.

Equilíbrio ambiental e miséria são incompatíveis. Temos que preservar nossas riquezas naturais, nossas espécies selvagens, nossa fabulosa biodiversidade. Mas também nossos homens, nossas mulheres, os jovens, os velhos e as crianças submetidos aos desequilíbrios da pobreza, das esperanças perdidas e da erosão do futuro.

A nova fronteira do sonho brasileiro, portanto, passa pela reconciliação da natureza com o homem e do homem com a solidariedade.

Na verdade, não se trata mais tão somente de preservar, mas também de aprender com a natureza. A ecologia é uma fonte generosa de lições para o nosso presente e o nosso futuro.

Na relação com o meio ambiente, por exemplo, a ausência de planejamento e a troca da solidariedade pela competição desenfreada têm contabilizado mais desastres do que sucessos.

O perigoso saldo de desequilíbrios acumulados atingiu uma escala cujos desdobramentos são inaceitáveis: o futuro não será sustentável se o progresso continuar sinônimo de destruição, de um lado, e de concentração de riquezas, do outro.

"Cuidar do Brasil" - lema desta Conferência Nacional de Meio Ambiente, que acontece junto com a oportuna Conferência Infanto-Juvenil, tem esse significado abrangente de alerta e chamamento.

Assim como a luta contra a fome requer a parceria da sociedade civil - e a ação integrada de todos os Ministérios - cuidar do Brasil exige também um mutirão de compromissos.

Um dos principais desafios do meu governo - e o Ministério do Meio Ambiente tem um papel decisivo nessa frente - é promover essa revolução mental na cabeça das pessoas.

É superar o individualismo estéril que invadiu o imaginário brasileiro após uma década de pregação hostil contra tudo o que fosse bem comum; contra o interesse coletivo; contra a soberania nacional; contra os valores da solidariedade e contra o patrimônio público.

De todos, esse talvez seja o fardo mais corrosivo que herdamos: a silenciosa perda da auto-estima, provocada por uma campanha deliberada de desvalorização de tudo o que foi construído de forma pública no nosso país.

Um patrimônio público construído por gerações ao longo de décadas, de lutas e de muitos sacrifícios.

Nos últimos anos, o Brasil e os brasileiros, em especial nossa juventude, fomos submetidos a uma verdadeira lavagem mental.

Os assim chamados "interesses do mercado", ganharam legitimidade oficial para se sobreporem às demais instâncias da vida - seja a instância social ou a instância ambiental.

Inverteram-se valores. Decretou-se a primazia dos meios sobre os fins. Do secundário sobre o principal; e do especulativo sobre o produtivo. E tudo o que se conseguiu, em nome da suposta eficiência, foi criar um ambiente de perdas humanas intolerável. Uma contabilidade cujo ônus estamos pagando. E cuja predominância será preciso vencer, para que possamos, de novo, recolocar o primado dos valores humanos acima do reinado das cifras.

Minas senhoras, meus companheiros e companheiras, minhas amigas e meus amigos, jamais conseguiremos adotar uma política efetiva de preservação ambiental sem recuperar essa consciência do interesse público. Uma consciência que encare a natureza - e os bens comuns deste país - como patrimônios invioláveis, que devem ser protegidos dos apetites egoístas, para que possam alicerçar nosso presente e pavimentar o nosso futuro.

Nossa gente e nosso território: eis a verdadeira âncora do desenvolvimento sustentável que almejamos.

Trata-se, portanto, de semente uma nova postura de co-responsabilidade social e ambiental, para que o rosto do futuro não venha a ser a carranca que nos ameaça hoje.

Para que isso se concretize, a política ambiental brasileira deve se tornar um eixo inseparável da construção de uma economia mais solidária e de um país mais justo.

Sem isso não haverá retomada do desenvolvimento, mas apenas crescimento predatório contra a natureza e contra os pobres.

É com essa visão de futuro que eu gostaria de anunciar a ampliação do nosso patrimônio público ambiental que eu já assinei aqui, assinei hoje com a Ministra Marina os Decretos que vocês viram aí, que são: a Reserva Extrativista do Badoque, no Ceará, com 601 hectares de terrenos da marinha; a Reserva Biológica da Mata Escura, em Minas Gerais, com 890 hectares - um dos últimos fragmentos de Mata Atlântica na margem esquerda do Jequitinhonha; e a ampliação de 77 mil e 500 hectares da Estação Ecológica do Taim, no Rio Grande do Sul - em áreas secas, fundamentais para o abrigo seguro da vida selvagem durante as cheias.

Além disso, estamos liberando recursos no valor de R\$ 7 milhões de reais para a execução de ações dentro do Programa Amazônia Sustentável, que passa a atuar junto com o Fome Zero.

Essas ações incluem desde a construção de pequenos galpões, para armazenagem da produção extrativa de comunidades da floresta, até obras de maior porte, essenciais à economia regional, como o Entrepasto Pesqueiro de Belém. Este, um projeto em conjunto com a prefeitura do município de Belém.

Finalmente, a partir de uma radiografia feita pelo governo sobre o comércio ilegal de mogno - que gerou perdas de 4 bilhões de dólares ao Brasil nos últimos 30 anos - nós decidimos que: os estoques apreendidos, e que há anos se deterioraram em portos e armazéns, sendo alvo de roubos e desvios, serão destinados a organizações sociais e ecológicas das áreas prejudicadas.

De agora em diante será assim, podem ter certeza disso. O primeiro lote beneficiará a região de Altamira, no Pará.

Um volume de 14 mil e 500 metros cúbicos de madeira, cuja exportação dará uma receita líquida de 2 milhões de dólares, cujo valor será administrado pelas comunidades afetadas pela extração ilegal. Essa utilização será feita com acompanhamento do Ministério Público. E irá financiar projetos de manejo sustentável da espécie, bem como medidas de controle e fiscalização para que a destruição dessa riqueza não prossiga. Este é apenas um pequeno exemplo: nós sabemos que é possível reverter a lógica da destruição; que é possível explorar nossos recursos naturais de forma sustentável; que é possível fazer deste país um espaço de equilíbrio entre o homem e a natureza, e a mulher e a natureza também, entre o patrimônio de todos e o bem-estar de cada um.

Muito obrigado.